

<b>CLIPPING MIRANDA</b>			
<b>MEIO</b>	Jornal Económico		
<b>Nº PAG.</b>	1	<b>DATA</b>	31 de julho de 2020



**ÁFRICA**

## Abreu, Miranda e VdA assessoram GNL em Moçambique

O trio de escritórios esteve envolvido no processo de financiamento ao projeto de gás natural liquefeito, com firmas das suas redes em África.

**MARIANA BANDEIRA**  
mbandeira@jornaleconomico.pt

É o maior projeto mundial de Gás Natural Liquefeito (GNL) em Moçambique, está avaliado em 20 mil milhões de dólares (aproximadamente 17 mil milhões de euros) e a assessoria jurídica esteve a cargo de escritórios nacionais e internacionais. As operações de financiamento e desenvolvimento do “Mozambique LNG Project” contaram com o apoio legal da Abreu Advogados, da Miranda & Associados (Miranda Alliance) e da Vieira de Almeida (VdA).

As três sociedades assessoraram os *senior creditors* [agências de crédito à exportação e Banco Africano de Desenvolvimento (BAD)] e a petrolífera francesa Total, respetivamente. Os trabalhos jurídicos na região conhecida como “Área 1”, tiveram ainda a participação da JLA Advogados em Moçambique e das norte-americanas Latham & Watkins e White & Case, que atuaram como *counsels*.

Localizado na bacia moçambicana do rio Rovuma, perto da província de Cabo Delgado, este projeto de extração e liquefação de GNL – que está sob a alçada da Total – chegou a ser controlado pela petrolífera Anadarko (Estados Unidos). O financiamento incluiu empréstimos diretos e cobertos de oito agências de crédito à exportação, 19 instituições bancárias co-

merciais e um empréstimo do BDA.

A Total, que recorreu também aos advogados da Guilherme Daniel & Associados (membro exclusivo da rede da VdA em Moçambique), avançou à Lusa que 2024 continuará a ser o ano de início de produção de gás natural nesta zona de Moçambique, apesar da queda do preço do ‘ouro negro’ e das incertezas causadas pela pandemia. “É difícil prever o curso dos acontecimentos, mas até hoje continuamos dentro dos prazos para fazer a entrega do primeiro carregamento de GNL”, adiantou fonte oficial da empresa à agência noticiosa.

Esta quinta-feira, 30 de julho, a Total apresentou contas e registou a primeira perda trimestral desde 2015. Depois dos lucros de 2,8 mil milhões de dólares (2,4 mil milhões de euros), a petrolífera passou a prejuízos de 8,4 mil milhões de dólares (7,6 mil milhões de euros). “Durante o segundo trimestre, o grupo enfrentou as circunstâncias excecionais da crise sanitária de Covid-19 que afeta a economia mundial e a crise dos mercados petrolíferos, com uma queda média do Brent até aos 30 dólares por barril, assim como os preços baixos do gás e das margens da refinação também muito afetadas”, disse o presidente do conselho de administração e CEO da Total, Patrick Jean Pouyanné, aquando da divulgação do relatório e contas. ●